



Congregação das Irmãs de Santa Doroteia da Frassinetti

Província Brasileira.

Comissão Nacional de Missão e Formação Permanente do Leigo Educador.

Maio de 2021.

Paula Frassinetti e Nossa Senhora



Ao longo de sua vida, Paula Frassinetti foi se revelando uma mulher de fé madura, consistente e comprometida com uma vida de fidelidade à Vontade de Deus e disposição para o Serviço do Reino: *“Rezemos muito, muito; cansemos-nos muito para dar a conhecer o nosso bom Jesus. Estimule muito as suas companheiras a fazerem o mesmo.”* (Carta 277,4).

Tendo nascido em um lar extremamente zeloso para com as coisas de Deus, Paula aprendeu, desde muito cedo, a centralizar a sua vida em Deus e ao que Ele deseja e espera de cada uma de suas criaturas. Seus pais, como fiéis genoveses, batizaram os filhos no dia de seu nascimento e, ainda na infância, todos foram consagrados a Nossa Senhora na Igreja da Madonnetta. Aquela família cultivava no lar uma espiritualidade marial, muito comum entre os habitantes da Ligúria.

Vendo a fragilidade de sua saúde, Dona Ângela, no leito de morte, pediu aos filhos que todos se consagrassem a Deus, abraçando a vida religiosa, o que de fato aconteceu no Lar dos Frassinetti. A fé desta mãe de família foi tão significativa que, segundo as Irmãs autoras das Memórias sobre a Madre Fundadora, a Mãe de Paula Frassinetti foi ama de leite de uma criança da vizinhança, cuja mãe não conseguia amamentar o próprio filho. Esta criança, ao crescer, foi a única, entre os onze filhos daquele casal, que escolheu a vida sacerdotal.

A região de Gênova é habitada desde o século V a.C., por populações ligures, etruscas e gregas. E, desde essa época, ela era conhecida pelo porto, reputação que continuou durante e depois do Império Romano.

No século XI, Gênova se tornou uma cidade-estado independente, uma das Repúblicas Marinhas, como Pisa e Veneza. Elas participavam ativamente do comércio do Mediterrâneo, levando especiarias e tecidos, mas também escravos e soldados para as Cruzadas. Com isso, estabeleceram colônias na Córsega, Sardenha e no Oriente Médio.

Gênova era tão poderosa que sua bandeira, uma cruz vermelha sobre um fundo branco, era respeitada em todo o mediterrâneo, e alguns historiadores acreditam que ela foi copiada pela Inglaterra, que queria a proteção da cidade italiana, e que essa seria a origem da bandeira inglesa.

A República entrou em decadência no fim da Idade Média, mas o esplendor antigo continuava a ditar o rumo das construções da cidade, com palácios e igrejas enormes sendo construídos – levando a cidade a ganhar o apelido de “La Soberba”. Depois, no final do século XVIII, a cidade foi invadida pela França, depois incorporada ao Reino da Sardenha em 1814, e finalmente se tornaram, algumas décadas depois, parte da Itália.

A relação do povo genovês com a fé cristã é tão antiga, quanto a História do Cristianismo. Segundo historiadores da Igreja, a fé cristã teve origem em Gênova sob o Pontificado do Papa Lino (67-76), passados apenas três anos do martírio de Pedro e Paulo. A diocese de Gênova foi erguida no século III e seus primeiros bispos foram São Valentim, São Félix, São Ciro de Gênova. Em 1133, foi elevada à condição de arquidiocese.

Ao longo do tempo, o povo genovês foi se afeiçoando cada vez mais pela construção de ricas igrejas e pela demonstração de amor e carinho a Nossa Senhora.

Nossa Senhora da Guarda

No dia 29 de agosto de 1487, o pastor de ovelhas Benedetto Pareto trabalhava no monte Figogna, nos arredores de Gênova, Itália. Este era um dos montes chamados “de guarda”, porque, lá de cima, sentinelas vigiavam contra piratas muçulmanos que tentavam invadir o local. Com o aviso das sentinelas, o povo tinha tempo de fugir, e a defesa podia se preparar. Enquanto pastoreava, Benedetto viu uma bela senhora aproximar-se. E ela se apresentou como Maria, a Mãe de Jesus.

Nossa Senhora tranquilizou Benedetto e, depois, pediu que ele construísse uma capela naquele local, no alto do monte. Benedetto, preocupado, argumentou: *“Mas eu sou muito pobre, e para construir neste monte alto e deserto será preciso tanto dinheiro, que duvido que o consiga.”* Nossa Senhora, porém, lhe respondeu: *“Não tenhas medo. Serás muito ajudado.”*

Benedetto, emocionado, correu para casa e contou o que lhe tinha acontecido. Porém, ninguém acreditou. Sua esposa desanimou-o dizendo que todos passariam a chamá-lo de louco. E ela insistiu tanto nisso, que ele desistiu.

No dia seguinte, voltando ao trabalho, Benedetto subiu numa figueira e caiu, ferindo-se gravemente. Foi levado para casa e teve que ficar dias na cama. No leito, Nossa Senhora apareceu novamente a ele, repreendeu-o com carinho, curou seus ferimentos e pediu novamente que ele construísse a capela.

Sem mais dúvidas no coração, Benedetto não quis saber a opinião dos outros. Passou a percorrer as vilas e cidades vizinhas, narrando o que lhe acontecera e pedindo ajuda do povo para a construção da capela. E, tal como Nossa Senhora lhe tinha dito, aconteceu. Ele recebeu muita ajuda do povo, de tal forma que, em pouco tempo, construiu a capela no local pedido pela Mãe. A capela era pequena, retangular e seu teto era de madeira.

A notícia da aparição espalhou-se por toda a região, e o povo começou a peregrinar ao local reunindo multidões. Algumas décadas depois, em 1530, decidiu-se pela construção de um santuário grande o bastante para acolher os peregrinos, em número cada vez maior. Uma família nobre, de sobrenome Ghersi contribuiu bastante para que o santuário fosse construído. A construção atual data do fim do século XIX. O Papa Bento XV, nascido em Gênova, deu à igreja o título de basílica em 1915. Este Papa também construiu uma capelinha de Nossa Senhora da Guarda em um jardim do Vaticano.



São Luís Orione era devotíssimo de Nossa Senhora da Guarda. Ele sempre dizia: *“Nossa Senhora é vínculo de paz; o seu amor cura as feridas da alma, ajuda os seus filhos, inspira sentimentos de perdão, aproxima as almas de Deus e as salva...”* Como devoto de Nossa Senhora da Guarda, São Luís Orione fez uma obra extraordinária: passou um bom tempo pedindo ao povo e recolhendo panelas de bronze furadas para construção de uma maravilhosa estátua de Nossa Senhora da Guarda, que foi colocada no alto da torre do Santuário. Trata-se da maior estátua de bronze que está mais alta em relação ao chão em toda a terra.



(Imagem de Nossa Senhora de Loreto – Santuário de Loreto, Itália)

Madonnetta

Assim como aconteceu com Nossa Senhora da Guarda, no século XVII, os genoveses construíram o Santuário da Madonnetta. A igreja foi construída numa faixa de terreno acima do convento de São Nicolau, doada aos religiosos pelo Senado da República. Naquele lugar, existia uma antiga capelinha em honra de São Tiago, que em 1689 foi restaurada pelas ordens do Pe. Carlo Giacinto. Lá dentro, foi colocada uma imagem muito linda da Virgem Maria com o Menino Jesus nos braços, oferta da nobre senhora Isabella Moneglia, esposa do senador Paride Salvago.

A imagem, esculpida em alabastro e com uma decoração muito fina, é obra de Giovanni Romano (Trapani, sec. XVII); afetuosamente chamaram-na **Madonnetta**, coroada quatro vezes em 14 de agosto de 1692 - 14 de agosto de 1693 - 25 de dezembro de 1700 - 27 de junho de 1920. Numerosos fiéis da cidade e dos arredores começaram logo a afluir para modesta capelinha e foi por essa razão que o Pe. C. Giacinto decidiu construir o Santuário em tempo muito breve.

Há muitos anos (1674-75), o Padre Giacinto teve uma surpreendente visão na capela do noviciado: Um dia, durante a oração espiritual da noite, vi um templo nesse lugar consagrado à Grandiosa Mãe de Deus. Mais do que qualquer outra coisa, havia muitos altares e imagens sagradas ornadas, a mais evidente era a imagem de Maria numa cripta, como a dos nossos dias. À frente dela, uma multidão de pessoas, com os olhos como duas fontes de água, tamanhas eram as lágrimas que se espalhavam. Além disso, pareceu-me que embaixo da igreja estivesse uma devota representação da paixão de N. S. Jesus Cristo e de Nossa Senhora com o seu Deus e o Filho morto. Vi, naquele pequeno lugar, grandes coisas: graças, privilégios, ajudas e favores que a divina Mãe concedera ou intercedera aos fiéis. Não sei, todavia, como explicá-los. Agora é o que teremos de fazer, mesmo que construir a igreja não fosse a intenção. (Relatório do S. Templo)



Santuário da Madonnetta, Gênova.



Vista externa Santuário da Madonnetta, Gênova

Eis o projeto que inspirou em grandes linhas o arquiteto ligure Anton Maria Ricca. Ele foi muito fiel à tradução, desenvolvendo uma concepção pessoal e original da igreja, que tornar-se-ia o protótipo ideal para outros arquitetos da Ligúria do sec. XVIII (Arenzano, Bogliasco, Sori, Casella, Larvego...).

Em 4 de maio de 1695, iniciou-se a construção da igreja e, no dia 15 de agosto de 1696, foi aberta ao público. No mesmo dia, com o decreto do Senado da República, solicitado pelo Pe. Carlo Giacinto, a cidade de Gênova se reconsagrava a Maria, durante a cerimônia solene na catedral de São Lorenzo.

Ele, para sublinhar a relação espiritual da Madonnetta com a cidade, colocou em um nicho da abside a imagem de Maria Santíssima, Rainha de Gênova, que abençoa a sua cidade. Em 18 de abril de 1706, Mons. Giambattista Costa, em nome do Arcebispo de Gênova Card. Lorenzo Fieschi, consagrou o templo dedicando-o à Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo e à mãe de Deus, Virgem Imaculada, elevada ao céu, Rainha dos Anjos e dos Mártires.

O Santuário tornou-se desde logo o centro da vida religiosa para os peregrinos da cidade e dos arredores de Gênova, das duas costas da Liguria, do Piemonte e da Lombardia. A prova disso são os vários privilégios concedidos pelos Papas: Clemente XI, Innocenzo XIII, Benedetto XIII, Pio VI. Este último uniu a Madonnetta à Basílica Lateranense, dando-lhe os mesmos privilégios e indulgências (7. 12. 1777). Em 1712, o Senado decidiu que, no domingo depois da festa da Assunção, uma delegação oficial da República de Gênova, formada de quatro senadores pertencentes às mais prestigiosas famílias da cidade, subisse ao Santuário para assistir à missa solene, durante a qual a cidade era reconsagrada a Nossa Senhora, e ao mesmo tempo a artilharia do Cais disparava quarenta tiros como símbolo de saudação e de festa.



Presépio Permanente no Santuário da Madonnetta, Gênova.

Em seguida, outros ilustres personagens iam chegando ao Santuário. Em 1818, Vittorio Emanuele I foi como peregrino com a esposa Maria Teresa de Savoia; em 1829 a rainha, viúva, regressou acompanhada pelas filhas: Maria, futura imperatriz da Áustria, e a venerável Maria Cristina, futura rainha de Nápoles. Também alguns dos fundadores de Congregações religiosas tiveram uma relação espiritual muito forte com a Madonnetta: a Ven. Solimai, fundadora das Batistinas (1725); Irmã Paola Frassinetti, fundadora das Dorotéias; a Madre Eugenia Ravasco, fundadora das Filhas dos Sagrados Corações; o Ven. Giuseppe Frassinetti, fundador dos Filhos de Maria; Madre Anna Maria Castello, fundadora das Irmãs Pietrine; e outros mais. Não de menor importância, a fundação do jornal católico “Il Cittadino” (30. 9. 1873), obra de P. Persoglio S. J.



Sabemos pelas memórias, que aos seis anos de idade, seguindo um costume tradicional da religiosidade genovesa, Paula foi consagrada à Madonnetta, oferecendo-lhe um coraçãozinho de prata, como símbolo do seu próprio coração. A relação da Madre Fundadora com a Mãe de Jesus foi marcada sempre pela intimidade e proximidade. As suas últimas palavras, no leito de morte, foram: “*Senhora minha, lembrai-vos de que sou vossa filha!*”

Nossa Senhora das Dores

A Irmã Diana Barbosa, Doroteia de Portugal, tece belíssimas considerações sobre a intimidade de Paula com Nossa Senhora. Segundo ela, Paula Frassinetti traz Maria em seu nome. Por ocasião da morte de sua mãe, em 6 de janeiro de 1819, a pequena Paula confia-se a Nossa Senhora como sua Mãe: *Lançando-se aos pés da Virgem, que já amava com o mais terno amor, pediu-lhe que quisesse fazer de mãe para ela e para os irmãos.* (Memórias, p.12).

Paula Frassinetti escolheu o Dia de Nossa Senhora das Dores, a Sexta-Feira da Paixão do ano de 1837, para, juntamente com Teresa Albino, Catarina Podestá, Mariana Danero e Madalena Oliva, vestirem o hábito preto. Escolheria, depois, Nossa Senhora das Dores para protetora do Instituto (cf. *Memórias*, p. 40). Trazia sempre em sua mesa de trabalhos uma imagem da Mãe das Dores. Nossa Senhora das Dores terá sido uma das fontes da sua maternidade espiritual, bebida através das palavras de Jesus no alto do Calvário: *Mulher, eis aí o teu filho; Eis aí a tua Mãe* (Jo 19,27). Em Santo Onofre encontra-se, sobre um pedestal, uma belíssima imagem de Nossa Senhora das Dores.



Nossa Senhora das Dores,
Santo Onofre, Roma.

Santuário da Santa Casa de Loreto

Quando em 1842, o Papa Pio IX lhe confiara a direção das escolas gratuitas em Macerata, aproveitando a proximidade, Paula visitou o Santuário de Loreto, e escreveu ao pai: *Fui visitar a Santa Casa de Loreto, e nela fiz a Sagrada Comunhão; o que se sente ao entrar naquela santa casinha, não se pode exprimir. Aí, pensei em si e comprei-lhe um pequeno crucifixo de prata, que toquei na escudela em que comia Nossa Senhora, e foi benzido; mandar-lho-ei na primeira oportunidade.* (Carta 19,4).

O Santuário da Santa Casa de Loreto é um lugar de peregrinação católico, situado no município italiano de Loreto. É considerado o mais importante da Itália. Foi construído perto da casa onde, segundo a tradição medieval, o Arcanjo Gabriel anunciou à Virgem Maria a maternidade divina e onde viveu a Sagrada Família de Nazaré, casa essa miraculosamente transportada por anjos.

No século III, quando Santa Helena foi a Nazaré, teria mandado construir uma igreja no local onde se encontrava a casa da Sagrada Família de Nazaré. Além de descobrir a Vera Cruz, terá também encontrado o lugar da Encarnação. A tradição conta também que foi nessa casa que Maria foi educada e cresceu na companhia dos seus pais, Santa Ana e São Joaquim.



Santa Casa de Loreto, Itália.

No século XIII, os lugares santos cristãos foram ameaçados pelos sarracenos e a igreja construída por Santa Helena foi arrasada. A mesma sorte estaria reservada à casa de Nazaré. Segundo a lenda, Deus fez miraculosamente transportar a Santa Casa para a Croácia, para as localidades de Trsat (Tarsatica) e Rijeka (Fiume), para o Monte Rauniza, com a ajuda de anjos. Esta ideia surgiu no pontificado do Papa Nicolau IV. Na casa, foi encontrada uma imagem que representava Nossa Senhora coroada e tinha o Menino Jesus ao colo. Ainda segundo a tradição, a Santa Casa foi novamente transportada pelos anjos para Itália, onde foi encontrada por uma senhora chamada Lorette em 10 de dezembro de 1294. Daí provém a história de Nossa Senhora de Loreto.

A Madre Fundadora voltou a este Santuário mariano em 15 de junho de 1869, no regresso da sua visita a Gênova: *Há oito dias, por estas horas, descia eu da Santa Casa [de Loreto], onde rezei por todas, em particular por essa nascente fundação, para tomarmos o caminho de Roma* (Carta 365,1); e ainda no verão de 1873, quando visitou a Comunidade de Recanati (cf. *Memórias*, p. 325).

Nossa Senhora de Lourdes

Antes de nos dedicarmos de modo especial à Imaculada Conceição, podemos ressaltar que, quando em 1875, Paula Frassinetti realiza a árdua viagem a Portugal, tanto na ida (18 a 20 de junho de 1875), quanto na volta (16 e 17 de agosto de 1875), Paula visitou o Santuário de Lourdes, entregando a Maria as suas grandes intenções, as intenções do seu Instituto (Diário da Visita de Paula Frassinetti às Casas de Portugal).



Uma devoção mais que especial: **Imaculada Conceição!**



Cálice confeccionado para a Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição, em 1854. O cálice mais precioso do Vaticano, conforme explicou o sacristão papal em funções desde 2006, o Padre agostiniano, eslovaco, Pavol Benedik (cfr. ZENIT, 24 de maio de 2011).

Ao se estabelecer em Roma e envolver-se mais de perto com Pio IX, as devoções de Paula passam a ter um vínculo com a caminhada da Igreja e do Pontificado do Papa. Tomemos como referência primeira a **Imaculada Conceição**.

Durante toda sua vida, Pio IX foi muito devoto da Virgem Maria. Em 1849, quando se encontrava no exílio, em Gaeta, consultou o ponto de vista dos bispos da Igreja a respeito da Imaculada Conceição enviando-lhes cartas, e em 8 de dezembro de 1854, na presença de mais de duzentos bispos, proclamou o dogma da *Imaculada Conceição da Virgem Maria*, como sendo um dogma de fé da Igreja através da Encíclica *Ineffabilis Deus*.

Na proclamação deste Dogma, em 1854, a vibração interior e exterior de Paula Frassinetti é inextinguível: *“Como mostraremos a nossa gratidão e o nosso reconhecimento a Deus por nos ter feito contemplar um dia tão maravilhoso e tão belo como foi esse da Imaculada Conceição da Beatíssima Virgem Maria, nossa querida Mãe? Dia desejado há tantos séculos e implorado a Deus com tantas súplicas de tantos Santos, mas reservado a nós pelo misericordiosíssimo Deus, nestes tempos de geral tribulação. Nunca, como nesse dia, vos desejei, com tão vivo ardor, todas reunidas em Roma! Oh, nunca houve um dia como este, de tão celeste alegria e de tão copiosas bênçãos em todo o mundo católico! Não o esqueçamos, pois, minhas caríssimas Filhas, e manifestemos toda a nossa gratidão a Deus, que nos fez assistir a um tão belo dia, crescendo cada vez mais na devoção para com Maria, nossa querida Mãe.”* (Carta 102, 1-2).



Definição do Dogma da Imaculada Conceição pelo Bem-Aventurado Papa Pio IX.

Além do apreço da Madre Fundadora por Nossa Senhora, ela sabia da importância de endossar aquela proclamação de Pio IX, em um contexto de desmerecimento do poder do Papa na Itália. Podemos perceber o envolvimento de Paula com este intento em algumas edificações erguidas por ela:

- No jardim da Casa Geral foi colocada uma imagem de Nossa Senhora, como vemos em Santo Onofre: *Estou muito ocupada com diversos operários que estão a arranjar o nosso pátio, no meio do qual se inaugurará, no primeiro de maio, uma imagem de mármore da Imaculada Conceição, que nos mandou fazer o Sr. Conde [Vimercati], e que se deve inaugurar com muita solenidade* (Carta 291,1). Foi coroada a 15 de setembro do mesmo ano: *Ontem, dia dedicado ao Santo Nome de Maria, tivemos uma bela festa no nosso pátio: o Cardeal Vigário coroou solenemente Nossa Senhora, com uma coroa de doze estrelas de prata dourada. No próximo correio, as alunas mandar-lhe-ão a descrição dessa festa* (Carta 305,5).



- *“Em junho de 1868 morria em Roma um certo Aníbal Rota, rico e piedosíssimo senhor, que, sem nunca ter conhecido a Madre Frassinetti nem nenhuma das suas Filhas, quis deixar a esta casa de Santo Onofre um legado de cerca de três mil escudos romanos. A partir da verificação do bom êxito de uma nossa educanda, que pertencia a uma família sua conhecida, começara a ter grande estima pelo Instituto e decidira concorrer para o seu incremento. A Madre Fundadora – que há algum tempo desejava ampliar a capela, que com o aumento da Comunidade se tornara demasiado pequena – pensou imediatamente empregar naquela obra os três mil escudos enviados por Deus, embora soubesse que para a levar a termo necessitaria de uma soma muito maior. Pôs mãos à obra, cheia de confiança que, assim como Deus tinha começado a providenciar, providenciará até ao fim. E a providência não faltou. De fato, em junho de 1868 foram lançados os alicerces da atual capela-mor; e (...) em pouco mais de um ano a Madre Fundadora teve a consolação, se bem que à custa de grandes sacrifícios, de ver terminado um belo edifício com a sua cúpula e com cinco afrescos de Gagliardi (...). O pavimento quis a Madre Fundadora que fosse de mármore de Carrara, e Pio IX, dando-lhe uma nova prova da sua paternal bondade, dignou-se dispensá-la do imposto alfandegário, que seria enorme e mesmo superior à despesa da compra.* (Memórias, p. 256).



- *A nossa capela vai crescendo, mas lentamente, por causa do Inverno: primeiro, pelas chuvas contínuas; depois, pelos fortes gelos. Ficará bem, mas teremos de duplicar a soma; os três mil escudos já se acabaram, e estamos apenas a meio da obra!!!* (Carta 359,6).
- *A nossa capela ainda está muito atrasada; estamos mesmo como os hebreus, sem templo e sem altar. As nossas alunas assistem à Santa Missa apenas nos dias de festa, na Igreja de Santo Onofre, e nós ouvimo-la na capelinha do Noviciado, onde está o Santíssimo Sacramento. E quem sabe por quantos meses ainda lá estará! Trabalha-se sem dinheiro, pelo que é preciso ter paciência ao ver [os operários] andarem devagar; mas trabalham bem e ficará uma bela capelinha* (Carta 366,8).
- *A nossa capela foi benzida a 4 do corrente [dezembro 1869]. É muito bonitinha; agrada a todos porque está cuidada, é simples, muito devota e bem arejada* (Carta 382,6).

Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus¹

A devoção ao Coração de Jesus arrasta consigo a devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus. A ela se recorre no Instituto, para obter graças, para alcançar curas.

A sua imagem é acolhida nas nossas Casas, e o ano de 1882 foi lhe dedicado: *Saiba que o próximo ano de 1882, a Revma. Madre Geral deseja que, em todo o Instituto, seja dedicado a Nossa Senhora do Sagrado Coração, porque causas desesperadas existem em todas as nossas Casas (...). A oração que deve ser recitada em comum é "Lembrai-Vos, ó Nossa Senhora do Sagrado Coração (...) juntando três Ave-Marias com a invocação Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus, rogai por nós* (Carta da Irmã Cargioli, de 03.12.1881).

Finalmente, poucos dias antes da morte da Madre Fundadora, a Secretária descrevia assim a festa que se fez em Santo Onofre: *No dia 1º do corrente, fizemos uma magnífica festa dedicada a Nossa Senhora do Sagrado Coração, na qual também tomou parte a nossa Revma. Madre Geral, assistindo à Missa cantada e tendo-se divertido, à noite, ao ver os fogos de artifício que fizemos no pátio; mas esteve a vê-los das janelas das aulas, com os vidros fechados, para não se expor a correntes de ar, pois estava um pouco constipada; passamos assim um belo dia* (07.06.1882).



À guisa de conclusão

Podemos dizer neste pequeno estudo que Maria, intimamente unida a Jesus Cristo, foi para Paula, desde o início de sua vida até o fim, a presença materna sempre presente em todos os momentos: *"A boa mãe teve o cuidado de a consagrar a Maria no chamado Santuário da Madonnetta, como também fez com os seus outros filhos"*. (Mem. p.9)

Ao perder a mãe, ainda criança, Paula lançou-se aos pés de Maria, que já amava com o mais terno amor e *"pediu-lhe que se fizesse de mãe para ela e para os irmãos."* (Mem. p.11-12)

E, por fim, em seu último suspiro, ao receber a Unção, Paula fixou o seu olhar em uma imagem de Maria, que tinha sempre no quarto, dizendo com amor: *"Senhora minha, lembrai-vos de que sou vossa filha!"* (Mem. p. 512)

Anexo:

As Irmãs Doroteias em Fátima, Portugal

Ir. Lúcia de Jesus



Lúcia de Jesus Rosa dos Santos, foi uma das Pastorinhas que, junto de Jacinta e Francisco disseram ter visto Nossa Senhora na Cova da Iria, em 1917. Lúcia tinha 10 anos de idade na época, não sabia ler e escrever e, das três crianças, era a única que falava com Nossa Senhora. Somente em 1930, o bispo de Liria assumiu publicamente que os relatos da aparição de Nossa Senhora eram dignos de crédito.

A partir do crescimento do Santuário de Fátima, Lúcia passou a ter uma vida reclusa, vivendo um tempo na Quinta da Formigueira em Frossos, Braga, propriedade do bispo de Leiria D. José Alves Correia da Silva.

Em 17 de junho de 1921, com 14 anos, o bispo de Liria proporcionou a sua entrada no colégio das Irmãs Doroteias em Vilar, no Porto, alegadamente para a proteger dos peregrinos e curiosos que acorriam cada vez mais à Cova da Iria e pretendiam falar com ela.

Lúcia professou como religiosa Doroteia em 1928, em Tui (Galiza, Espanha), onde viveu alguns anos. Pouco tempo depois morou em Pontevedra, Galiza, onde também se lhe apareceu a Virgem em 1925 nas *Aparições de Pontevedra*.

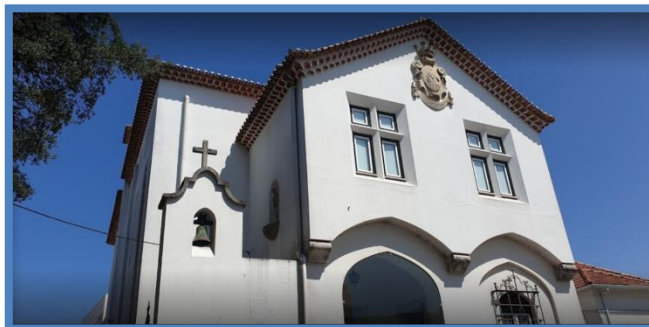
¹ BARBOSA, Ir. Diana. **Paula em Mosaico**. p.34

Em 1946 regressou a Portugal e, dois anos depois, entrou para a clausura do Carmelo de Santa Teresa em Coimbra, onde professou como carmelita descalça a 31 de maio de 1949. Foi neste convento que escreveu dois volumes com as suas *Memórias* e os *Apelos da Mensagem de Fátima*. Em 1991, quando o Papa João Paulo II visitou Fátima, convidou a irmã Lúcia a deslocar-se ali e esteve reunido com ela doze minutos. Antes, já se tinha encontrado também em Fátima com o Papa Paulo VI.

Lúcia morreu no dia 13 de fevereiro de 2005, aos 97 anos, no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra. O Papa João Paulo II, nesta ocasião, rezou pela Irmã Lúcia e enviou o Cardeal Tarcisio Bertone para o representar no funeral. Em 19 de fevereiro de 2006, o seu corpo foi trasladado de Coimbra para o Santuário de Fátima onde foi sepultada junto dos seus primos, Francisco e Jacinta Marto.

Em agosto de 1944, nove Irmãs Doroteias fizeram a sua entrada em Fátima, Portugal, numa pequena casa alugada, sem colchões, com algumas cadeiras emprestadas pelo Santuário, um fogareiro, uns tachos e uma bilha, cenário que as fez recordar o da própria fundação do instituto.

Ao se estabelecerem ali, abriram logo uma concorrida aula de costura e, em outubro, fundaram a Escola de Santa Doroteia. Em abril do ano seguinte, era lançada a primeira pedra da futura casa, inaugurada em abril de 1946.



A 13 de maio desse ano, por ocasião da coroação da imagem de Nossa Senhora de Fátima pelo Cardeal Masella, legado do Papa Pio XII, no centenário da proclamação de Nossa Senhora como Rainha de Portugal, estiveram nesta casa algumas irmãs da direção internacional da Congregação. Em “reconhecimento por tantas graças recebidas”, a Província Portuguesa ofereceu à imagem de Fátima uma coroa que substituisse a que havia sido oferecida pelas mulheres de Portugal, então reservada para as grandes solenidades.

Em 1977, as Doroteias adquiriram em Fátima a “Casa do Monte Moro”, destinada a ser um lar familiar para estudantes do ensino médio, muitas delas filhas de imigrantes. Viria a encerrar em 1995.

Também a escola tinha encerrado no fim do ano letivo de 1984/85, passando a casa a ser destinada a acolhimento às irmãs, com a comunidade residente a prestar serviço de apoio à pastoral do Santuário de Fátima. O edifício é também usado para encontros de formação e espiritualidade, bem como para acolhimento esporádico de peregrinos.



Fonte:

Material produzido por **Jean Sidcley Álvares Teixeira**, pela **Comissão Nacional de Missão e Formação Permanente do Leigo Educador**.

BARBOSA, Ir. Diana. **Paula em Mosaico**.

Cartas de Santa Paula Frassinetti.

Constituições de 1851.

Documento de Espiritualidade.

DUGGAN, Christofer. **História de Itália desde 1796**. Edições 70. 2017.

<https://www.leiria-fatima.pt/instituto-das-irmas-de-santa-doroteia/>

Memórias de Paula Frassinetti

Memórias da Irmã Lúcia I. Editor: P. Luis Kondor SVD.

PHILLIPS, Godfray E. **A Casa da Virgem Maria**: A história miraculosa da trajetória da Casa de Nazaré para uma colina da Itália. Editora Ecclesiae.

Comissão Nacional de Missão e Formação Permanente do Leigo Educador

- **Aurami Cardoso da Silva** – *Colégio Santa Dorotéia – Manaus /AM*
- **Cecília Francischini (Ir.)** – *Coordenadora – Colégio Anjo da Guarda – Bebedouro/SP*
- **Jean Sidcley Álvares Teixeira** – *Colégio Santa Dorotéia – Belo Horizonte/MG*
- **Macirajara de Freitas Ramos** – *Colégio Santa Dorotéia – Pesqueira/PE*
- **Maria do Carmo Mesquita (Ir.)** – *Colégio Santa Doroteia – Manaus/AM*
- **Maria Sileide Moreira** – *Colégio Santa Doroteia – João Pessoa/PB*
- **Marinice Souza Simon** – *Colégio Santa Doroteia – Porto Alegre/RS*
- **Rogener Almeida Santos Costa** – *Colégio Santa Teresa – São Luís/MA*
- **Suely Fátima Amorim Soares Lima** – *Colégio de São José – Recife/PE*
- **Walnéia Virgínia Mangueira Lima** – *FAFIRE – Recife/PE*